

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE**

DALVA REJANE DO CARMO

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA
LEITURA**

SÃO CRISTÓVÃO / SE

2016

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	4
2.1 Material.....	7
2.2 Descrição da proposta.....	8
3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA	9
3.1 - 1ª Etapa: Motivação	9
3.2 - 2ª Etapa – Introdução.....	10
3.3 - 3ª Etapa: Leitura.....	12
3.4 - 4ª Etapa: Interpretação	14
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	19

INTRODUÇÃO

A linguagem está em toda parte, seja ela escrita, oral, visual ou sonora. Mas não podemos dizer que todos estão aptos a compreender a diversidade de textos que nos rodeiam. Embora tenhamos um número considerável e crescente de pessoas alfabetizadas, não há essa mesma proporção para os letrados. De acordo com Kleiman (2000), “a leitura é um processo psicológico em que o leitor utiliza diversas estratégias baseadas em seu conhecimento linguístico, sociocultural, enciclopédico”. Para Carroll (apud Kleiman, 2000), “a leitura constitui o processo cognitivo por excelência”. Ou seja, ler é ir além da decodificação. O uso das estratégias de leitura visa ao desenvolvimento de habilidades de compreensão e interpretação, a fim de construir um leitor ativo e proativo em sala de aula.

Segundo Solé (2008), para que haja proficiência leitora por parte dos alunos, suas atividades de leitura devem ser significativas. As estratégias de leitura são procedimentos que levam a essa significação. É para esse sentido que o letramento literário aponta. Segundo Cosson (2014), “as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir”.

A mediação do professor é essencial no processo de interação e no impacto que a leitura terá no aluno. Para tal, faz-se necessário que o próprio professor esteja constantemente envolvido com as mais diversas linguagens. Kleiman (2001) enfatiza que o não uso de estratégias de compreensão e leitura de textos leva o aluno a sair da escola sem manejar essa habilidade.

Para Solé (2009), a leitura implica prazer e espontaneidade. Em nossas salas de aula, essas palavras nem sempre encontram eco. Nossos alunos, na maioria das vezes, veem a leitura como uma atividade imposta pela escola e, portanto, desprovida de alegria.

Urge que se traga para a sala de aula encanto e sedução, sem que isso necessariamente prejudique a aprendizagem. E nada mais sedutor do que uma história bem contada. Sherazade seduziu o sultão, escapou da morte e evitou que outras donzelas fossem assassinadas, contando histórias e encerrando-as com um momento de suspense, sempre deixando para o dia seguinte a resolução do enigma. Isso deixaria o sultão ansioso, em estado de expectativa pelo final da história. Este é o desafio. Solé (2009) nos diz que é necessário desafiar o nosso aluno para que ele tenha interesse pela leitura, levando-se em conta que existem situações de leitura que são mais motivadoras do que outras.

Para Cosson (2014), “nossa constituição como leitores passa necessariamente pela relação afetiva que mantemos com os textos. E guardá-los no coração e dizê-los em voz alta com a força da emoção é uma maneira de demonstrar isso”.

Diferente do bombardeio intelectual, a história está ligada à emoção, sendo memorizada com mais facilidade. As narrativas marcam o ser humano, porque permitem novas leituras de mundo e leituras de si próprio. No processo de contação de histórias, estamos ensinando o aluno a escutar a nós professores. As narrativas exemplificam conceitos de uma forma lúdica. Educar é contar histórias. O grande desafio da sala de aula hoje é tornar o assunto atraente.

O objetivo deste trabalho é tornar a leitura significativa e a contação de histórias não só um momento fascinante e envolvente, como também uma ponte para a leitura, contribuindo, assim, para a formação de alunos leitores. E como objetivos específicos, influenciar o interesse do aluno em ler outros livros, formar leitores ativos e exercitar a escuta em sala de aula, a partir da contação de histórias.

Esta proposta de intervenção parte do princípio de que contar histórias propicia ao aluno o uso da imaginação, do encantamento e da criatividade, além de proporcionar prazer e aprimorar a prática pedagógica do professor.

Sendo um dos objetivos do nosso projeto o aprimoramento da prática pedagógica, o método utilizado foi a pesquisa-ação. Essa metodologia permite que o pesquisador assuma dois papéis: pesquisador e participante do grupo. Toledo (2012) nos diz que na pesquisa-ação as intervenções e a produção do conhecimento se inter-relacionam.

O modelo adotado foi a sequência básica proposta por Cosson (2014) no livro *Letramento literário: teoria e prática*, sequenciado em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. Utilizamos também as estratégias de leitura de Isabel Solé (2009). A proposta de intervenção foi desenvolvida em 10 aulas, cada uma com duração média de 40 minutos.

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

O grande equívoco que a maioria de nossos alunos comete em seu dia a dia escolar é não prestar atenção às aulas. O poder de concentração de crianças e adolescentes vem diminuindo ano a ano, dia após dia. É bem verdade que aulas de 50 minutos tornam-se longas e enfadonhas e, principalmente, quando há tanto o que ser feito com um

smartphone na mão. Adultos e adolescentes vivem conectados constantemente. Boa parte dos adolescentes não desligam o celular nem para dormir. E o grande desafio hoje é este: desligar o outro da tomada, manter o contato interpessoal, reaprender a conversar e a interagir naturalmente, não só em tempo real, mas na vida real. É isso que as narrativas orais fazem: agregam, fazem-nos parar, não só para ouvir, mas também e principalmente escutar.

Pensando nessa realidade na qual o mundo tem mergulhado e, por conseguinte, a escola, a atividade aqui relatada objetivou a criação de vínculos em sala de aula, através da contação de histórias. Almejou fazer com que os alunos prestassem atenção às aulas e se concentrassem para melhor entender os assuntos explanados. Pretendeu incentivar o hábito e o gosto pela leitura, porque é sabido que, embora o ser humano tenha bilhões de células nervosas – neurônios –, o que o torna inteligente são as sinapses, ou seja, as conexões entre esses neurônios. “A capacidade do cérebro de fazer novas conexões é tão incrível que um feto prestes a nascer forma 250.000 novas células cerebrais por minuto, gerando milhões de novas conexões sinápticas a cada sessenta segundos” (CHOPRA, 2013 p. 21).

No momento do nascimento, o cérebro apresenta 30% das conexões cerebrais; as demais se desenvolverão ao longo da vida, à proporção que o intelecto for utilizado. É necessário, pois, que haja o estímulo dessas células a fim de que as conexões possam ser reforçadas; caso contrário, serão eliminadas. O cérebro tem plasticidade, ou seja, aprende e desaprende. Se estudamos para uma avaliação em cima da hora simplesmente para ter uma nota, não vamos aprender a matéria; teremos conhecimento para aquele momento somente. Essa aprendizagem sumirá do nosso cérebro. Porém, quando aprendemos algo de verdade, jamais esqueceremos. Sendo assim, é função da escola, também, ensinar o aluno a ativar sua inteligência.

Aprender requer elementos da cognição, tais como atenção, percepção, memória, elaboração, capacidade de responder e de comunicar-se, que são recursos particulares do sujeito. Cognição é dinâmica mental e está diretamente ligada à produção de informações. Por causa da neuroplasticidade podemos dizer que o cérebro é adaptável. Assim se posicionam Chopra e Tanzi (2013) sobre o assunto:

Durante todo o tempo em que a neuroplasticidade ainda não tinha sido legitimada, a medicina poderia ter dado atenção ao filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau, que em meados do século XVIII afirmou que a natureza não era estagnada ou mecânica, mas viva e dinâmica. Ele foi

além ao propor que o cérebro estava continuamente se reorganizando de acordo com as experiências vividas. Portanto, as pessoas deveriam praticar exercícios mentais tanto quanto exercícios físicos. Essa pode ter sido a primeira afirmação de que nosso cérebro é flexível, plástico e capaz de se adaptar às mudanças do ambiente. (CHOPRA, 2013, p. 37)

Atividades físicas ativam o corpo, atividades mentais ativam o cérebro. Cérebro ágil produz respostas igualmente céleres, e podemos dizer que a leitura é umas das atividades mentais mais completas. A ausência de leitura explica o sofrível desempenho dos alunos em sala de aula e fora dela. Solé (2009) enumera os diversos objetivos da leitura, porque há tantos objetivos quanto situações, e a escola é o local adequado para desenvolver algumas dessas situações. A contação de histórias é um recurso que pode ser utilizado na sala de aula para criar o gosto pela leitura.

Uma das principais funções da escola é ensinar a criança a ler, porque ao adentrar os portões da instituição, a criança já consegue comunicar-se através da linguagem falada. Mas, a escola ensina a ler, porém não estimula no educando o desejo, a vontade de ler. Algumas considerações podem ser feitas, e algumas delas seriam a não priorização da leitura em sala de aula, a inapetência do próprio professor em relação à leitura e ausência de investigação sobre o assunto. Dá-se mais importância aos conteúdos gramaticais do que à leitura. Kleiman (2000) assevera que “a formação precária do professor na área de leitura, bem como o desconhecimento dos resultados de pesquisa na área trazem consequências negativas para a qualidade do ensino”. Kleiman (2000) ainda argumenta que só podemos suscitar paixão pela leitura se formos igualmente apaixonados.

O professor apaixonado cria estratégias que levam o aluno a ter contato com o livro e tenha o desejo de ler. Aluno que não lê aprende pouco; professor que não lê, ensina mal. Segundo Ferrarezi (2007), a função do professor de língua materna é ensinar o aluno a ler bem, escrever bem e ouvir com interesse. Ouvir, ler e escrever devem ser o sustentáculo intelectual do aluno. A leitura estaria num nível mais elevado se sedimentasse o que foi ouvido e desse subsídios para a escrita. Uma das dificuldades que o aluno sente na compreensão do texto tem a ver com a ausência de repertório.

O processo de leitura é um olhar para trás, não só para o texto que está sendo lido naquele momento, como também para outras leituras que já foram realizadas. De acordo com Kleiman (2000), compreendemos um texto mais e melhor à medida que aplicamos conhecimentos anteriores. Para Solé (2009, p. 27): “No estabelecimento de previsões, os conhecimentos prévios do leitor e seus objetivos de leitura desempenham um papel

importante”. Trabalharemos o romance *Cinco Minutos*, escrito por José de Alencar no século XIX.

2.1 Material

O material selecionado é o livro *Cinco Minutos*, de autoria de José de Alencar (Ática, 2009), escrito no século XIX. Mas por que escolher um clássico? Sempre acreditamos que apresentar os clássicos da literatura brasileira somente no Ensino Médio pode gerar no aluno uma certa repulsa pelo consumo desse tipo de literatura. Sendo introjetado ao longo da trajetória escolar daria ao discente a familiaridade necessária e quebraria a aspereza de ele somente os conhecer quando já estiver prestes a ingressar na academia. Para que o aluno encare esse tipo de leitura com mais tranquilidade no EM, deve haver o aprofundamento gradativo no ensino fundamental. É no processo de contação de histórias que essa gradação também pode acontecer.

Embora *Cinco Minutos* seja um romance clássico, o tema da obra é atemporal: o amor. Isto gera empatia no leitor (audiência). Por ter sido escrito originalmente no formato de folhetim, os capítulos terminam sempre com um suspense pairando no ar e que será solucionado no capítulo posterior, gerando, assim, uma expectativa no leitor, ávido por ver a resolução dos imbróglios nos quais se envolve o narrador.

Era a estratégia utilizada pelo autor para prender o leitor, e este ansiava pela chegada de mais um capítulo do romance que se apresentava no formato de folhetim e chegava às bancas juntamente com o jornal. Nesse período da história do Brasil, iniciou-se o processo de formação do leitor. Marisa Lajolo (1996) explica:

Tais e tais estratégias, se não garantem ao narrador a fidelidade do leitor a um texto que se prolonga, sem dúvida, estreitam a cumplicidade entre ambos: o leitor é uma figura para quem se conta um segredo: os acontecimentos da trama. Aparentemente a técnica aplicada ao folhetim, deu certo; tanto é assim que é mantida no desenrolar do romance, reaparecendo mais adiante na obra de Machado de Assis. (LAJOLO, 1996, p. 20)

O romance *Cinco Minutos* foi o primeiro livro produzido por José de Alencar, escritor do Romantismo brasileiro, e traz no seu enredo um recorte da vida burguesa colonial no século XIX. Logo no início da trama, o desequilíbrio se apresenta quando o narrador-personagem, por conta de um atraso de cinco minutos, perde o bonde e o rumo

ao conhecer Carlota, adolescente de 16 anos, que se descobre doente e se esconde do homem que ama.

A narrativa é curta e cheia de peripécias, atraindo o leitor para o enredo, envolvendo-o e convidando-o para a leitura. Esse é o desafio do professor: formar leitores, não somente para o momento da escola, mas também, e principalmente, para além dos muros da instituição. Através do processo de contação de histórias tenciona-se que se estabeleça uma ponte para o livro.

2.2 Descrição da proposta

A aplicação do presente projeto faz parte do relatório do Mestrado Profissional em Letras. Sendo conhecedores de grande parte dos problemas pelos quais a educação passa e que afetam alunos e professores, e vendo a real necessidade de intervir na realidade, partimos da hipótese de que é possível desenvolver o gosto dos alunos pela leitura a partir da aplicação de estratégias pensadas por teóricos da língua.

A ferramenta aqui utilizada é a contação de histórias que, nas palavras de Cosson (2014), “é uma estratégia pedagógica que usualmente entra na escola como parte da preparação das crianças para a leitura”.

A contação de histórias no âmbito escolar está normalmente atrelada à educação infantil e ao ensino fundamental menor. Porém, essa atividade pode e deve ser aplicada em qualquer momento da vida escolar. Por que não contar histórias no Ensino Fundamental maior e por que não as contar no Ensino Médio? De acordo com Cosson (2014), a contação de histórias não beneficia somente crianças. O prazer ocasionado por essa atividade atinge todas as faixas etárias, inclusive os adultos, pois ativam o imaginário do indivíduo. Portanto, essa prática não deve limitar-se à educação infantil.

Reza a tradição que obras primas, tais como a *Ilíada* e *Odisseia* antes de serem escritas por Homero, faziam parte da cultura oral; eram contadas e recontadas, atravessando gerações.

Segundo Solé (2009): “Um fator que, sem dúvida, contribui para o interesse da leitura de um determinado material consiste em que esse possa oferecer ao aluno certos desafios”. Escutar uma história é desafiador, à medida que exige atenção e concentração, tal qual a leitura de um livro, momento em que nos abstraímos do espaço físico e mergulhamos no universo imagético da narrativa.

3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

3.1 - 1ª Etapa: Motivação

1ª aula: Oralidade – Informamos aos alunos que iríamos contar a eles uma história que tinha acontecido há muito tempo, no século XIX, e pedimos-lhes que usassem seus conhecimentos matemáticos e pensassem. Se estamos no século XXI, há quanto tempo essa história aconteceu? As respostas não foram precisas. Depois de algum tempo, alguém acertou. Dando continuidade à oralidade, convidamos os discentes a pensarem sobre o período de tempo em que a história se desenrola, e eles se referiram às telenovelas de época e descreveram a indumentária tanto de homens quanto de mulheres. Solé (2009) informa:

Em certo sentido, quando o professor tenta dar algumas pistas para seus alunos abordarem o texto, está fazendo algo semelhante ao que Edwards e Mercer (1988) denominam “construir contextos mentais compartilhados” para se referir àquilo que os participantes de uma tarefa ou conversa compartilham sobre ela e que pode garantir uma compreensão compartilhada, pelo menos em suas características gerais. (SOLÉ, 2009, p. 105)

A contação de histórias possibilita a criação de imagens, assim como a leitura propriamente dita, por isso foi solicitado aos alunos que imaginassem e descrevessem oralmente um adolescente que viveu no século XIX.

ATIVIDADE: Como as pessoas se divertiam no século XIX?

Após as respostas terem sido dadas, explicamos aos alunos que naquela época as pessoas, principalmente as que compunham uma classe social privilegiada, frequentavam teatros, promoviam bailes e saraus em suas residências. Os relacionamentos interpessoais

eram mais bem cuidados, pois as pessoas visitavam-se com frequência. Lemos para a turma um fragmento do romance *Cinco Minutos*:

Voltei ao baile, desanimado, a minha única esperança era a velha, por ela podia tomar informações, saber quem era a minha desconhecida, indagar o seu nome e a sua morada, acabar enfim com este enigma, que me matava de emoções violentas e contrárias. (...) A princípio, por uma intuição natural, julguei que ela devia, como eu, admirar essa sublime harmonia de Verdi, que devia também ir sempre ao teatro. (JOSÉ DE ALENCAR, *Cinco Minutos*, p.13)

ATIVIDADE: Fazer uma lista de coisas que existem no século XXI e não existiam no século XIX.

Depois que a lista foi feita, abriu-se um espaço para a leitura dos itens e a discussão que girou em torno da “ausência de coisas interessantes” na época mencionada. Terminada a discussão, solicitei como tarefa de casa, uma pesquisa o tema: **Como seria a nossa vida sem energia elétrica?**

De acordo com os PCN (1999), um dos objetivos gerais do Ensino fundamental é “saber utilizar diferentes fontes de informações e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimento”. Paulo Freire (2010) chama a atenção para o fato de que ensino não é reprodução, porém precisa ser produção. A pesquisa leva o aluno a descortinar o conhecimento e adquirir autonomia para aprender. No Ensino Fundamental, o professor deve motivar o aluno a pesquisar, ainda que seja uma pesquisa incipiente, mas que o leve a aprender sozinho algo novo.

3.2 - 2ª Etapa – Introdução

Na segunda aula, iniciamos a etapa de introdução da sequência básica com uma resumida biografia do autor do romance *Cinco Minutos*, José de Alencar. Cosson (2014) aconselha que essa apresentação não “seja longa e nem uma expositiva aula sobre a vida

do escritor”. Contudo, fizemos questão de frisar que o autor de *Cinco Minutos* morreu acometido de uma doença chamada tuberculose e que tal qual a AIDS nos séculos XX e XXI, a tuberculose, no século XIX, não tinha cura. Não era nosso objetivo falar sobre a obra, já que nas aulas de contação toda a história seria revelada aos alunos.

O material selecionado é a obra *Cinco Minutos* (Ática, 1997) escrita por José de Alencar, nascido em 1º de maio de 1829, em Messejana, no Ceará, e falecido em 12 de dezembro de 1877, no Rio de Janeiro, vítima de tuberculose, aos 48 anos. O romance traz no seu enredo um recorte da vida burguesa colonial no século XIX. Logo no início da trama, o desequilíbrio se apresenta quando o narrador-personagem, em virtude de um atraso de cinco minutos, perde o bonde e o rumo ao conhecer Carlota. Esta personagem é uma adolescente de 16 anos, que se descobre doente e se esconde do homem que ama. Ao tentar encontrá-la, o narrador-personagem, por ser um homem imediatista, envolve-se em diversas situações embaraçosas, pois sua impaciência e ansiedade o impedem de esperar, e ele se lança nas mais diferentes aventuras em busca do seu amor.

Há também um detalhe na obra que permeará toda a trajetória da narrativa e que se fará relevante nessa etapa: a ausência de energia elétrica. Esse foi o ponto de partida para a pesquisa realizada pelos alunos.

Logo após, foram recolhidas as atividades de pesquisa. Setenta por cento dos alunos realizaram a pesquisa, ou seja, 20 deles. Os demais alegaram não ter acesso à internet. Alguns alunos foram solicitados a comentar sobre o trabalho realizado. Eles leram parte do que estava escrito em seus trabalhos e fizemos um resumo no quadro, à medida que eles iam revelando o conteúdo da pesquisa:

- Falta de iluminação em casa e na rua;
- Sem televisão;
- Sem semáforos;
- Sem telefone;
- Sem computador;
- Não haveria trabalho à noite, só durante o dia.

Partindo do princípio de que todo conhecimento aprofunda-se com a pesquisa e que nossos alunos não estão habituados a pesquisar, vimos a necessidade de fazê-los ir ao encontro do conhecimento por meio da investigação para que tenham autonomia ao longo da vida escolar. Freire (2010, p.29) assim define a pesquisa em educação: “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do

outro (...). Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”.

Ao citarmos a falta de iluminação nas ruas, quisemos inserir o aluno no universo de profissões que foram extintas ao longo do tempo. Para tal, citamos o capítulo XIV do livro *O Pequeno Príncipe*, de Antoine Saint-Exupéry que trata de uma dessas profissões: o acendedor de lampiões (texto que seria lido na aula seguinte). Comentamos sobre a escuridão das ruas depois que os lampiões eram apagados. Explicamos sobre o toque de recolher que havia na época e lemos um pequeno trecho do livro *Cinco Minutos*: “Lancei-me fora do ônibus; caminhei à direita e à esquerda; andei como um louco até nove horas da noite. Nada!” (Alencar, 2009, p.11)

Nessa etapa, o propósito foi cumprindo. A apresentação de autor e obra foi importante por se tratar de um texto clássico e relevante para o futuro escolar dos estudantes. A pesquisa acerca da ausência de energia elétrica os fez analisar o passado, e vieram à tona questões relevantes, tais como: Que outras fontes de energia poderíamos dispor se a hidrelétrica nos faltasse? Levar o aluno a pensar é tarefa da escola.

3.3 – 3ª Etapa: Leitura

Nessa aula, fizemos a leitura do capítulo XIV do livro *O Pequeno Príncipe*:

O quinto planeta era muito curioso. Era o menor de todos. Mal dava para um lampião e o acendedor de lampiões... O príncipezinho não podia atinar para que pudessem servir, no céu, num planeta sem casa e sem gente, um lampião e o acendedor de lampiões. No entanto, disse consigo mesmo:

– Talvez esse homem seja mesmo absurdo. No entanto, é menos absurdo que o rei, que é vaidoso, que o homem de negócios, que o beberão. Seu trabalho ao menos tem um sentido. Quando acende o lampião, é como se fizesse nascer mais uma estrela, mais uma flor. Quando o apaga, porém, é estrela ou flor que adormecem. É uma ocupação bonita. E é útil, porque é bonita.

Quando aportou o planeta, saudou respeitosamente o acendedor:

- Bom dia. Por que acabas de apagar teu lampião?
- É o regulamento, respondeu o acendedor. Bom dia.
- Que é o regulamento?
- É apagar meu lampião. Boa noite.
- Mas por que acabas de acendê-lo de novo?

– É o regulamento, respondeu o acendedor.

– Eu não compreendo, disse o príncipezinho.

– Não é para compreender, disse o acendedor. Regulamento é regulamento. Bom dia. E apagou o lampião. Em seguida enxugou a fronte num lenço de quadrinhos vermelhos.

– Eu executo uma tarefa terrível. Antigamente razoável. Apagava de manhã e acendia à noite. Tinha o resto do dia para dormir...

– E depois mudou o regulamento?

– O regulamento não mudou, disse o acendedor. Aí é que está o drama! O planeta de ano em ano gira mais depressa, e o regulamento não muda!

– E então? Disse o príncipezinho.

– Agora, que ele dá uma volta por minuto, não tenho mais um segundo de repouso. Acendo e apago uma vez por minuto.

– Ah! que engraçado! Os dias aqui duram um minuto

– Não é nada engraçado, disse o acendedor. Já faz um mês que estamos conversando.

– Um mês?

– Sim. Trinta minutos. Trinta dias. Boa noite. E acendeu o lampião.

O príncipezinho considerou-o e amou aquele acendedor tão fiel ao regulamento. Lembrou-se dos pores de sol que ele mesmo produzia recuando um pouco a cadeira. Quis ajudar o amigo.

– Sabes? Eu sei um modo de descansar quando quiseres...

– Eu sempre quero, disse o acendedor.

Pois a gente pode ser, ao mesmo tempo, fiel e preguiçoso.

E o príncipezinho prosseguiu:

– Teu planeta é tão pequeno, que podes com três passos, dar-lhe a volta. Basta andares lentamente, bem lentamente, de modo a ficares sempre ao sol. Quando quiseres descansar, caminharás... E o dia durará o quanto queiras.

– Isso não adianta muito, disse o acendedor. O que eu gosto mais na vida é de dormir.

– Então não há remédio, disse o príncipezinho.

– Não há remédio, disse o acendedor. Bom dia. E apagou seu lampião.

Esse aí, disse para si o príncipezinho, ao prosseguir a viagem para mais longe, esse seria desprezado por todos os outros, o rei, o vaidoso, o beberrão, o homem de negócios. No entanto, é o único que não me parece ridículo. Talvez porque é o único que se ocupa de outra coisa que não seja ele próprio. Suspirou de pesar e disse ainda:

– Era o único que eu podia ter feito meu amigo. Mas seu planeta é mesmo pequeno demais. Não há lugar para dois... O que o príncipezinho não ousava confessar é que os mil quatrocentos e quarenta pores de sol em vinte e quatro horas davam-lhe certa saudade.

(*O Pequeno Príncipe*, 2005, p. 49-52)

Depois de todos terem lido o texto, explicamos-lhes que a história a ser contada teria seus cenários noturnos diferentes do que conhecemos, visto que a ausência de energia elétrica na época trazia muitas limitações, como já tínhamos constatado na pesquisa realizada. Velas e lampiões eram os recursos de iluminação existentes naquele período. Comentamos sobre a profissão de “acendedor de lampiões” existente na época e extinta após o advento da energia elétrica. Falamos também sobre o “toque de recolher” às 21h, já que nesse horário, os lampiões eram apagados e não mais era permitido andar pelas ruas, sob pena de ser detido.

Alguns trechos do livro foram transformados em tiras e distribuídos entre os alunos para que comparassem com o texto anterior e com a pesquisa realizada por eles:

“Lancei-me fora do ônibus; caminhei à direita e à esquerda; andei como um louco até nove horas da noite. Nada!” (*Cinco Minutos*, ALENCAR, 2009 p.11)

“Lancei-me para a saleta onde havia luz e coloquei o lampião sobre a mesa do gabinete em que estávamos”. (*Cinco Minutos*, ALENCAR, 2009 p. 25)

Objetivo: Ler e promover perguntas sobre o texto

Recursos: Fotocópias dos textos

Nas palavras de Solé (2009), as perguntas relacionadas ao texto indicam que os alunos estão utilizando seus conhecimentos prévios sobre o tema e têm noção do que sabem e do que ainda precisam aprender sobre o assunto. Para Cosson (2014), é necessário estabelecer “laços estreitos com o texto que se vai ler”. Para ele, responder a questões ou posicionar-se diante de um tema faz parte da construção de estímulo para ler o texto. A motivação se dá quando chamamos a atenção do aluno para determinadas possibilidades que, por si só, ele não perceberia, já que seu repertório de leitura ainda é bastante limitado. Ao entrar em contato com outros textos, cria-se um repositório de ideias e conseqüentemente este é ampliado.

3.4 - 4ª Etapa: Interpretação

Nessa aula, trabalhamos o título do romance: “Cinco Minutos”. Começamos com uma pergunta simples:

A expressão “cinco minutos” remete (ou lembra) a quê?

Todos responderam: Tempo!

Iniciamos uma discussão sobre a passagem do tempo a partir da leitura do texto a seguir:

“O tempo parou, a cidade sumiu”

O RELÓGIO da Torre Cívica em Amatrice, na região do Lácio, a 150 quilômetros de Roma, marca 3h36, o horário exato em que um terremoto de magnitude 6,2 na escala Richter atingiu o coração da Itália na quarta-feira 24. A torre medieval de 27 metros de altura foi uma das únicas construções que permaneceram de pé (a outra que se destaca na paisagem de devastação, situada alguns passos adiante, é um prédio moderno de tijolos vermelhos ocupado por uma agência bancária), mas os tremores derrubaram o seu sino e danificaram as engrenagens de seu relógio, congelando os ponteiros no horário da tragédia. Amatrice, de 2500 habitantes, assim como Accumoli, Pescara del Tronto e Arquata del Tronto, outras cidades afetadas pelos abalos sísmicos, atraíam turistas por serem paradas no tempo: pequenas, antigas, calmas, cheias de histórias. Agora, de certa forma, “não existem mais”, para emprestar a expressão usada pelo prefeito de Amatrice, Sergio Pirozzi, ao descrever o estado das coisas. Até sexta-feira, a contagem de mortos estava em 268 e ainda havia vítimas sob os escombros. Quase não se tinha esperança de que ainda pudessem ser resgatadas com vida. Se repetir o exemplo de L’Aquila, cidade italiana devastada por um terremoto em 2009 (ocorrido às 3h32!) e que até hoje ainda não foi inteiramente reconstruída, Amatrice continuará parada no tempo: nas fatídicas 3h36 de 24 de agosto de 2016.

Diogo Schelp (Revista Veja, edição 2493 – ano 49 – nº 35 – 31 de agosto de 2016)

➤ Após a leitura do texto, propusemos aos alunos que ficassem estáticos por 15 segundos e perguntamos-lhes: Foi muito tempo? Demorou? Passou rápido? Resposta unânime: “Passou rápido!”

Mostramos-lhes a foto que ilustrava o texto lido anteriormente: escombros de muitas casas que foram destruídas pelo terremoto. E perguntamos: “Vocês sabem quanto tempo durou esse terremoto?” E informamos que durou 15 segundos. O objetivo dessa aula foi detectar a ideia principal do texto que, por sua vez, remetia à ideia do texto que eles iriam escutar posteriormente. Os alunos foram estimulados a refletir sobre a influência psicológica do tempo em nossas vidas. Quinze segundos são irrelevantes desde

que não estejamos sob o efeito de um tremor de terra que poderá usurpar nossa existência. Cinquenta minutos assistindo a uma aula não terá em nossa mente o mesmo efeito de cinquenta minutos passeando no shopping center. Embora o espaço de tempo seja o mesmo, o evento que nos proporciona prazer tende a parecer que passou mais rápido. Há uma explicação científica para isso. Quando estamos envolvidos em uma atividade que consideramos prazerosa, nosso cérebro libera uma substância conhecida como dopamina, que causa sensação de bem-estar. Essa substância influencia em nossa percepção de tempo e nos dá a impressão de que este passou mais rápido. Segundo Chopra (2015, p.13): “Nosso cérebro não só interpreta o mundo, mas o cria”.

Para Solé (2009), o grande desafio é que, aos poucos, o aluno ganhe autonomia e possa elaborar por ele mesmo, sem ajuda do professor, conceitos aplicados anteriormente.

Voltamos para o título do livro. Explicamos a eles que por causa de um atraso de cinco minutos, a vida do narrador deu uma reviravolta, e o seu cotidiano foi abalado por um encontro inesperado.

“Entusiasta da liberdade, não posso admitir de modo algum que um homem se escravize ao seu relógio e regule as suas ações pelo movimento de uma pequena agulha de aço ou pelas oscilações de uma pêndula”. (ALENCAR, 2009, *Cinco Minutos* – p. 7)

ATIVIDADE: Com uma única frase defina a palavra “tempo”.

Nessa aula ainda, lemos o primeiro capítulo do romance intitulado Cinco Minutos. Os alunos leram silenciosamente, depois cada um leu um fragmento. Por ser uma obra clássica, a leitura trouxe dificuldades e dúvidas aos alunos do 6º ano. De acordo com Solé (2009), na leitura silenciosa é normal que os alunos recorram ao professor sempre que se deparam com palavras cujos significados eles desconhecem. Isso de fato aconteceu porque havia muitos vocábulos que eram totalmente desconhecidos para eles.

Existem casos em que, avançando a leitura, o aluno consegue inferir o significado da palavra a partir do contexto. Contudo, isso não aconteceu por ser um texto escrito numa época muito anterior e, principalmente, porque os alunos têm o léxico bastante reduzido. Ao fazermos a leitura em voz alta, percebemos que eles tropeçavam bastante nas palavras desconhecidas, provavelmente por estarem entrando em contato com elas há pouco

tempo. Todas as palavras foram circuladas e o seus significados devidamente procurados no dicionário.

Palavras listadas pelos alunos:

- Oscilação
- Pêndula
- Resignação
- Monótona
- Ordinário
- Insípida
- Farfalhar

ATIVIDADE: Uso do dicionário

Essa atividade evidenciou que uma parte dos alunos ainda não tinha a familiaridade necessária com o dicionário. A maioria desenvolveu bem a atividade. Outros, porém, não conseguiram a mesma performance. Percebemos que é importante o uso dessa ferramenta em sala de aula. O uso constante dela amplia o vocabulário dos discentes.

A partir da 5ª até a 10ª aula, iniciamos a contação da história com os alunos devidamente familiarizados com diversos elementos relativos à história. Ou seja, houve uma motivação anterior; criou-se uma expectativa para ouvir a história. Para Solé (2009): “Essas reflexões antes da leitura podem contribuir para que seu ensino e sua aprendizagem se tornem mais fáceis e produtivos”.

Antes de iniciar o reconto, explicamos aos alunos que etimologicamente existe uma diferença entre ouvir e escutar. O ouvir está ligado à percepção de sons e na escuta ouvimos com interesse. Portanto, o objetivo da nossa aula, naquele dia e nos dias subsequentes, seria eles escutarem a história. Pedimos-lhes que anotassem o conteúdo da contação, pois ao final transformariam o texto oral em texto escrito. Dentre os vários textos escritos, escolhemos aleatoriamente quatro alunos para proceder a algumas análises da pesquisa em questão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para os alunos, de uma forma geral, os atos de ler e escrever deveriam ser tarefas tão simples quanto brincar de videogame ou bater papo num site de relacionamentos da internet. No entanto, a realidade de crianças e adolescentes em relação à leitura e à escrita é bem diferente.

Alunos que conversam tanto com seus colegas no recreio, quando se deparam com uma folha em branco, onde terá que expor seu raciocínio de forma organizada, paralisam seu pensamento e as mãos não trabalham. Este péssimo desempenho em relação à escrita é consequência da falta de empenho no que concerne à leitura. A ampliação lexical de um indivíduo ocorre, principalmente, quando ele lê. O surgimento de ideias também.

O trabalho com leitura deve ser uma prática constante. Se por um lado tem o objetivo de formar leitores competentes, por outro constitui a matéria prima do ato de escrever. Um leitor competente é também aquele que por iniciativa própria seleciona, de acordo com suas necessidades e interesses, o que ler entre os vários tipos de texto que circulam socialmente. Para que isso se efetue, a escola deve promover uma prática constante de leitura, organizada em torno de uma diversidade de textos. O ideal é que o professor seja um bom leitor e que esteja sempre atualizado.

Neste contexto, torna-se imprescindível também que os pais ofereçam livros a seus filhos e leiam com eles e para eles. A escola, por sua vez, deve criar ambientes propícios e profícuos a uma boa leitura. O cérebro humano tem um potencial precioso que precisa ser desenvolvido, e sem leitura não há como extrair dessa máquina toda a força que ela tem para dar.

Sabemos que as dificuldades são bastantes em uma sala de aula. Justamente por esse motivo, alunos da educação básica devem ser doutrinados desde as primeiras séries à prática constante e ininterrupta da leitura. Não aquela obrigatória, mas a leitura fruitiva, prazerosa. A contação de histórias inspira outras histórias e se transforma em uma ponte para os livros.

O objetivo maior deste projeto foi mostrar que a contação de histórias cabe em qualquer etapa da vida escolar. A partir das atividades propostas e realizadas em 10 aulas – cinco das quais foram utilizadas para contação –, percebemos que houve empenho por parte dos alunos. A atividade de pesquisa que eles realizaram foi bastante proveitosa, pois os levou a novas descobertas.

Apoiando-nos nas teorias sobre leitura, letramento e reconto, elaboramos uma proposta de intervenção que, desenvolvida em 10 aulas, comprovou que é possível atrair o aluno para a leitura e para a escuta de textos. Percebemos a ansiedade da turma, a cada aula de contação. Quando o sinal tocava, eles não saíam da sala, pois estavam envolvidos e desejosos de saber o final. Houve prazer na escuta, houve atenção. Podemos dizer que eles ouviram atentamente a voz do semelhante (professor) e, com interesse. Segundo Cândido (2004), somos humanos à medida que nos abrimos à arte, e isso nos leva a ser mais solidários com a natureza, com a sociedade e com os iguais.

Constatamos que não basta mandar o aluno ler ou reclamar porque ele não o faz. É preciso criar estratégias que o envolvam. A sequência didática de Cosson (2014) e as estratégias de leitura de Solé (2009) foram primordiais para colocarmos em prática a proposta de intervenção. Acreditamos na viabilidade e na eficácia da nossa proposta. Ainda que estejamos imersos em um mundo tecnológico, contar histórias é uma ferramenta milenar e eficaz. Esperamos que esta proposta de trabalho seja mais uma contribuição para aqueles que se preocupam em garantir aos seus alunos um aprendizado eficaz e, por que não dizer, lúdico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, J. M. de. **Cinco Minutos**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades, 2004.

CHOPRA, Deepak; TANZI, Rudolph E. **Supercérebro: como expandir o poder transformador da sua mente**. São Paulo: Alaúde editorial, 2013.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

JR., Celso Ferrarezi. **Ensinar o Brasileiro: respostas a 50 perguntas de professores de língua materna**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas, SP: Pontes, 2000.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2015.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ed. Ática, 1996

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SAINT-EXUPERY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. São Paulo: Agir, 1984

SCHELP, Diogo. **O tempo parou, a cidade sumiu**. VEJA, São Paulo, Ed. Abril, edição 2493, ano 49, nº 35, 31 de agosto 2016.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2009

TOLEDO, Renata F.; Jacobi, Pedro R. **Pesquisa-ação e educação: compartilhando princípios na construção de conhecimentos e no fortalecimento comunitário para o enfrentamento de problemas**. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em 04 out 2016

TOKUHAMA-ESPINOSA, Tracey. **Dilema de mestre – Atenção do aluno dura 20 minutos**. Disponível em: www.educacaodeficiente.blogspot.br. Acesso em: 04 out 2016.